

assumir um novo compromisso com a aprendizagem, encarando-a de forma activa, crítica, holística, ecológica e criativa.

Globalização, Avaliação da Formação, Cultura Cidadã e Interdisciplinaridade são sinergias carregadas de emoções e sinais da procura de transformação das práticas avaliativas e formativas. Para nós, não se trata de uma moda, mas de uma necessidade com rosto para que a formação seja significativa, num determinado período de tempo e capaz de lhe resistir, levando-a para além do tempo da avaliação/formação, constituindo-se, assim, num *novo sítio* estruturante da empregabilidade e da aprendizagem ao longo da vida.

Desta forma, esta comunicação pretende proporcionar um espaço de reflexão como processo de aprendizagem, assente num *signal* de desenvolvimento que se propõe capaz de atribuir sentido e significado ao *timbre* pessoal e colectivo. Enquadra-se numa perspectiva do aprender e do avaliar como processo dinâmico de qualidade, no decurso da aprendizagem e da formação dos cidadãos. Trata-se de uma abordagem à procura de valorizar o aprender a ser crítico e criativo, enquanto vectores essenciais à educação e à avaliação compreensiva. Próprios a formas múltiplas de conhecimento, de pensamento, de ética e de moralidade, que não só as normativizadas, facilitadoras de uma relação de *curiosidade* para com os processos de aprendizagem, de avaliação e de formação, capaz de os promover, a partir de interfaces entre o local e o global.

169 - EDUCAÇÃO DE ADULTOS EM PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO NUM PROCESSO DE TRANSIÇÃO AUTOGESTIONÁRIO

João Caramelo

O processo de luta pela construção da autogestão, que se desenvolve desde 1995, numa usina de açúcar no Nordeste brasileiro é o ponto de partida para a discussão da articulação entre mudança individual e mudança colectiva nos processos de desenvolvimento, *empowerment* comunitário e educação de adultos. A comunicação dá particular relevância ao papel catalisador dos processos educativos com adultos e às resistências histórico-culturais com que se confronta o processo de transformação individual e colectivo em curso, equacionando-o a partir da tensão que aí se estabelece entre uma totalidade instituída e uma dinâmica instituinte, entre o princípio do desejo e o princípio da realidade.

288 - EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E CULTURA: POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CONTEXTUALIZADA

Oswaldo Piedade Pereira da Silva

Doutorando da Universidade do Porto - Bolsista CAPES, Professor da Faculdade de Direito de Itu – São Paulo, Email: osvaldofpceup@gmail.com / piedade23@yahoo.com.br

A partir de resultados parciais de um projecto de doutoramento denominado “A língua como lugar de inclusão/exclusão social”, o presente artigo problematiza acerca da racionalidade que orienta a educação linguística descontextualizada colocada em curso nos espaços e contextos de educação de adultos. Assumindo a tese de Paulo Freire de que o debate sobre a linguagem é importante por seu carácter político e por esconder grande material ideológico, o artigo se estrutura em três partes que se completam, a saber: a) a diversidade cultural e linguística versus a padronização das formas linguísticas e sociais na educação de adultos; b) a descontextualização da linguagem e da educação como forma de negação da heterogeneidade e diferenças entre culturas; c) a homogeneização linguística como elemento estratégico da racionalidade hegemónica e como exercício do poder que se perfaz através do cerceamento da criatividade e da fala do outro. Inserido no debate crítico que situa a língua uma *força reguladora* orientada que age sobre os sujeitos, o presente artigo se constrói tomando por referência a concepção gramsciana de cultura, as reflexões bakhtinianas sobre linguagem, as discussões de Bartolomé¹⁵ (2007) acerca da educação-linguística descontextualizada a que estão submetidos os culturalmente subalternizados, além da reflexão Corbeil¹⁶ (2001) sobre a teoria da regulação linguística.

¹⁵ BARTOLOMÉ, L. (2007). Pedagogia da Subordinação. Portugal: Edições Pedagogo.

¹⁶ CORBEIL, J.-C. (2001). Elementos de uma teoria da regulação linguística. In M. BARNO, Norma Linguística (pp. 175-201). São Paulo: Edições Loyola.